



## Uso da Pesquisa Empírica para observação da Comunicação Participativa no Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia: uma estratégia de construção da cidadania<sup>1</sup>

Lara LAGES<sup>2</sup>  
Universidade Federal do Pará, PA

### RESUMO

A comunicação enquanto ciência, ainda jovem, tem entre seus estudiosos uma tensão entre os que defendem o pragmatismo e os que defendem um viés teórico. O que se pretende apontar aqui é que, ao tentar vencer esses dualismos, a construção do conhecimento se torna mais rica. Como exemplo, apresentamos a reflexão sobre o Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia, um projeto que trocou a concepção de pesquisa unilateral por uma relação de pesquisa. Discute-se, a partir da pesquisa empírica, a comunicação participativa, proposta por Paulo Freire, no Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia como forma de construção da cidadania.

**PALAVRAS-CHAVE:** cidadania; comunicação participativa; pesquisa empírica.

### INTRODUÇÃO

Numa sociedade em que a centralidade dos meios de comunicação é incontestável, comunicar é dar existência. Porém, “a comunicação se acha presa entre fortes mudanças e densas opacidades”, pois, apesar do papel estratégico que assume na configuração da sociedade, essa comunicação é ainda mal-interpretada por “autismos epistêmicos” que a reduzem a “saberes técnicos, taxonomias psicológicas e estratégias organizacionais”.

A comunicação enquanto ciência, ainda jovem, tem entre seus estudiosos uma tensão entre os que defendem o pragmatismo e os que defendem um viés teórico. O que se pretende apontar aqui é que, ao tentar vencer esses dualismos, a construção do conhecimento se torna mais rica. Como exemplo, apresentamos a reflexão sobre um projeto que trocou a concepção de pesquisa unilateral por uma relação de pesquisa. Acredita-se que a pesquisa empírica é grande aliada para que o pesquisador possa observar a *práxis* comunicativa e entender os processos sociais.

Nesse sentido, discute-se adiante, a partir da pesquisa empírica, a comunicação participativa proposta por Paulo Freire, no Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia como forma de construção da cidadania.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no II 7 – Comunicação, Espaço e Cidadania do X Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte realizado de 1 a 3 de junho de 2011.

<sup>2</sup> Recém graduada em Comunicação Social, habilitação Jornalismo, pela FACOM-UFPA, email: laratlages@gmail.com



## 1. TIPOS DE CONHECIMENTO: VENCENDO O PRECONCEITO DO EMPÍRICO

*“Junte o conhecimento científico ao conhecimento tradicional... vocês vão se formar com a concepção de um mundo novo”.*

*(Integrante do Movimento de Quebradeiras de Coco Babaçu do Maranhão)*

Trazer esse depoimento para abrir as discussões desta seção suscita de pronto uma série de inquietações que dialogam com o tema central do X Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte de 2011: “Quem tem medo de pesquisa empírica?”.

Vale lembrar, antes de tudo, que o entendimento aqui sobre o que é pesquisa empírica, com inspirações *freirianas*<sup>3</sup>, baseia-se nos processos de interação face-a-face em que o pesquisador precisa se inserir no espaço social e estabelecer relações com os sujeitos pesquisados para não reduzi-los a meros objetos de pesquisa. Por essa inserção, a pesquisa empírica é localizada; um recorte de um contexto social mais amplo.

Por exemplo, a pesquisa empírica lida com uma escola e não com o sistema escolar ou, analisa mais as práticas sindicais e menos a estrutura sindical. Assim, além de implicar num recorte da totalidade social, a pesquisa empírica está centrada na escolha de aspectos das relações entre sujeitos (MEKSENAS, 2007, s.p.).

Como nos coloca Marques de Melo em entrevista postada no site<sup>4</sup> do encontro nacional da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, a pesquisa em comunicação surge “no panorama das ciências humanas, no ramo dos estudos empíricos, situando-se como área do conhecimento aplicado” (MELO, 2011, s.p.). Quando apreendida pela universidade, para se constituir enquanto campo, a pesquisa em comunicação de base empírica passou a sofrer preconceitos e a gerar tensões dentro do próprio campo.

O grande questionamento é como se tem agido, em termos de pesquisa e produção de conhecimento, para vencer os dualismos tentadores das análises realizadas. Isso se impõe dada a complexidade de que se revestem as relações na contemporaneidade. Exatamente esse mundo de paradoxos, ao mesmo tempo globalizado e fragmentado, está num processo de mudanças tão profundas e complexas que só é possível vislumbrar um entendimento se superarmos dicotomias entre pragmatismo e teoria. Eis o nosso desafio.

---

<sup>3</sup> Paulo Freire, educador brasileiro cujo método de alfabetização baseada na autonomia do sujeito é mundialmente reconhecida.

<sup>4</sup> <http://www.unicap.br/intercom2011/?p=471>



Parece que as categorias analíticas de que dispõem os pesquisadores não têm sido suficientes para a compreensão. A racionalidade positivista, que está por trás de boa parte desse preconceito sofrido pelo empirismo, precisa ser repensada. Precisa-se de “(...) uma racionalidade que dê conta da diversidade epistemológica do mundo” (SANTOS, 2006, p. 16).

Volta-se, então, aqui, à provocação inicial da fala da quebradeira de coco maranhense: só teremos um *mundo novo* quando conseguirmos dialogar as diversas formas de conhecimento, quando houver uma “(...) nova articulação, mais equilibrada, entre conhecimento científico e outras formas de conhecimento com o objetivo de transformar a ciência num novo senso comum (...)” (SANTOS, 2006, p. 26).

O conhecimento tradicional não precisa ser transformado em conhecimento científico para desempenhar um papel importante. Até porque o conhecimento tácito, por meio da interação social, pode ser compartilhado e formar redes de interação, o que significa que os conhecimentos codificados e tácitos são complementares e coexistem no tempo.

Justifica-se, assim, esta empreitada pela tentativa de aproximar pesquisa e processos sociais, e, então, repensar os modos de entender a comunicação. A contribuição da teoria de Paulo Freire na questão das metodologias da pesquisa empírica, por exemplo, leva à reflexão acerca da relação que se estabelece entre o sujeito e o objeto da pesquisa (MEKSENAS, 2007, s.p.).

E, na tentativa de uma relação horizontal, apoiada em Freire, adota-se a transformação do objeto em sujeito, pois:

se minha opção é libertadora, se a realidade se dá a mim não como algo parado, imobilizado, posto aí, mas na relação dinâmica entre objetividade e subjetividade, não posso reduzir os grupos populares a meros objetos de minha pesquisa. Simplesmente não posso conhecer a realidade de que participam a não ser com eles como sujeitos também deste conhecimento que, sendo para eles um conhecimento anterior (o que se dá ao nível da sua experiência) se torna um novo conhecimento (FREIRE, 1981, p. 53 apud PERUZZO, 2008, p. 132).

É a partir dessa abordagem que se propõe, como se verá mais adiante, pensar nos modos e usos da comunicação no âmbito de um projeto de pesquisa, o Projeto Nova



Cartografia Social da Amazônia – que lida diretamente com movimentos sociais e populações tradicionais<sup>5</sup> –, que substituiu a pesquisa unilateral por uma relação de pesquisa.

## 2. A COMUNICAÇÃO ALÉM DAS TECNICIDADES

Oriunda do termo latim *communis*, que significa comum, comunidade, a comunicação é um processo que envolve interlocutores. Epistemologicamente, o termo ainda passa por questionamentos e indagações, já que a recorrência de sua utilização remonta a tempos recentes da história humana e seus estudos datam de tempos mais recentes ainda.

Nas ciências humanas, a busca é por uma construção teórica que circunscreva âmbitos dos mais distintos saberes, um conceito ao qual todos os campos e ciências possam referir-se e formular teorias.

A comunicação sofreu grandes mudanças. Tempo e espaço já não estão mais unidos e não são mais os mesmos. Trata-se de um processo tal que simultaneamente é global, porque “se refere à crescente interconexão entre as diferentes partes do mundo” (THOMPSON, 1998, p. 135), mas é excludente e compartimentaliza. A relação desigual que permeia as sociedades é o centro do capitalismo no mundo globalizado; a distinção entre Norte e Sul, para lembrar a metáfora de Boaventura de Sousa Santos. De acordo com o autor, a globalização é “uma zona de confrontação entre projectos hegemónicos e projectos contra-hegemónicos” (SANTOS, 2006, p. 33).

Ainda que Martín-Barbero tenha sugerido no passado arriscar-se a perder o objeto da comunicação para ganhar o campo, pensa-se que, vencendo as dicotomias entre os campos do saber, construindo o conhecimento de modo transdisciplinar, tornamos a análise do objeto mais completa. Não o perdemos. Ele está aí. Em tudo. A comunicação é tudo.

Com base no mapa desenhado por Martín-Barbero em *Dos meios às mediações*, que mostra a trama das mediações articulada na relação comunicação, cultura e política, é preciso entender que a comunicação, para além das tecnicidades, é uma questão de fim se vista a partir da sociabilidade e, se vista a partir da institucionalidade, é uma questão de meios.

A socialidade, gerada na trama das relações cotidianas que tecem os homens ao juntarem-se é por sua vez lugar de ancoragem da práxis comunicativa e resulta dos modos e usos coletivos de comunicação, isto é, de interpelação/constituição dos atores sociais e de suas relações

---

<sup>5</sup> O tradicional é aqui entendido como um conhecimento cuja lógica é diferenciada da racionalidade capitalista: vivem em temporalidades e racionalidades econômicas, relações ambientais e culturais outras. O tradicional de que falamos nada tem a ver com a ideia de arcaico ou primitivo.



(hegemonia/contra-hegemonia) com o poder (MARTÍN-BARBERO, 2006, p.17).

A pesquisa empírica é grande aliada para que o pesquisador possa observar a *práxis* comunicativa e entender os processos sociais. “Foi aí que percebi com clareza que falar de comunicação era falar de práticas sociais e que, se queríamos responder a todas essas perguntas, tínhamos que repensar a comunicação a partir dessas práticas” (MARTÍN-BARBERO, 1995, p. 14).

Entender a comunicação para além dos dispositivos técnicos é concebê-la enquanto relação, isto é, não se deve abrir mão das “relações sociais que ela institui”, nem do “lugar que ela constrói para seus sujeitos”. Entendê-la como fenômeno humano é também concebê-la na sua dimensão cultural (PERUZZOLO, 2006, p. 23). Os processos comunicacionais organizados nas sociedades humanas sob a forma de modelos culturais serão, portanto, afetados pela formação cultural na sua composição e consolidação históricas.

Deve-se entender que para comunicar é preciso um meio, não o meio reduzido a ferramentas (MARTÍN-BARBERO, 2006). O meio é justamente representar o que se quer comunicar. Essa representação se expressa pela linguagem, que organiza e representa aquilo que o comunicante quer mostrar para chegar ao outro, mas que constrói, também, o outro como termo da relação de comunicação (PERUZZOLO, 2006, p. 45). A mensagem passa a ser, então, a partir da percepção de estímulos externos, um “pacote de representações” que levará às significações sociais.

A partir do momento em que a relação se vê mediada, adaptada à interposição de meios possibilitados pela complexificação das sociedades se produz um distanciamento do encontro com o outro. Pela capacidade de simbolização do homem, ele cria mecanismos para comunicar-se à distância. O uso da linguagem para a representação cria a possibilidade do encontro com o outro e da tentativa de convencimento do outro para além da sobrevivência, mas como escolha que se dá no âmbito cultural.

É importante situar que a relação de comunicação é construída a partir de um lugar, como definiu Foucault ao tratar das diversas modalidades de enunciação. O discurso sofre, portanto, as interferências das significações construídas a partir das dispersões do sujeito. “As diversas modalidades de enunciação, em lugar de remeterem à síntese ou à função unificante de um sujeito, manifestam sua dispersão: nos diversos status, nos diversos lugares, nas diversas posições que pode ocupar ou receber quando exerce um discurso” (FOUCAULT, 1995, p. 61).



### 3. RE-CONSTRUÇÃO DA CIDADANIA POR MEIO DA AÇÃO COLETIVA

O conceito de cidadania é também importante ao que se tem proposto até agora. Para Pinsky (2003, s.p.), cidadania é um conceito histórico, isto é, varia no tempo e no espaço, uma vez que cada um dos Estados-nacionais tem regras específicas sobre o que é ser cidadão. Numa acepção mais ampla, cidadania é, para este autor, a expressão concreta do exercício da democracia. Se assim o é, exerce-se concretamente a democracia no sistema representativo que se organiza por meio dos partidos políticos? O quadro político atual nos prova que não. Daí a proposta, de Martín-Barbero, de *re-construí-la*.

Os modos e usos coletivos da comunicação são, então, uma estratégia para que grupos sociais se articulem e se projetem nos espaços públicos. A cidadania “se exercita na media em que promove a participação ativa dos sujeitos na elaboração das normas que irão legitimar o funcionamento da sociedade” (VICENTE, 2009, p. 6). Por meio de uma estrutura de sentido compartilhada entre os sujeitos, os indivíduos têm a possibilidade de ressignificar o seu olhar sobre o mundo.

Nesse sentido, os pesquisadores e movimentos sociais ligados ao Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia tentam, por meio do diálogo, construir estratégias coletivas para o exercício da cidadania.

O Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia (UEA-UFAM-UNAMAZ-CNPQ- FUNDACAO FORD<sup>6</sup> e diversas organizações políticas representando os agentes sociais) é um projeto de natureza, em princípio, teórica, mas que dialoga com as formas de mapeamento social participativo na tentativa de fazer com que os movimentos sociais mapeados sejam eles próprios os cartógrafos. Seria, portanto, um exercício de autcartografia que complementaria a ideia de autodefinição.

O PNCSA se propõe a elaborar uma série de fascículos que representem fenômenos e produzam uma leitura da problemática social, econômica e ecológica na e a partir da experiência dos agentes sociais. São produzidos, além dos mapas situacionais contidos nos fascículos, materiais como livros, textos, vídeos e fotografias. São vários os pesquisadores envolvidos nesse trabalho de cartografia, trazendo contribuições das mais

---

<sup>6</sup> O PNCSA é vinculado formalmente a estas instituições: Universidade do Estado do Amazonas (UEA); Universidade Federal do Amazonas (UFAM); Associação de Universidades Amazônicas (UNAMAZ); Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e Fundação Ford.



diversas áreas do conhecimento como antropologia, direito, geografia, biologia, sociologia, história.

As parcerias e trocas entre pesquisadores e movimentos intensificaram-se de tal modo que estão se constituindo, atualmente, nos chamados núcleos, organizados em planos diferenciados, isto é, em realidades sociais diversas, não tendo, por isso, um desdobramento homogêneo das suas ações, o que se encontra em consonância com o princípio que move o Projeto: dar visibilidade aos esforços mobilizatórios dos agentes sociais nas lutas por direitos.

#### **4. COMUNICAÇÃO PARTICIPATIVA: DA DELIBERAÇÃO À AÇÃO NO PNCSA**

Os processos sociais contemporâneos causaram tamanho estremecimento nas estruturas da modernidade ocidental e, por conseguinte, no modo como nos relacionávamos com esse mundo moderno, que as grandes matrizes identitárias, a saber, a ideia de Estado-Nação, classe e indivíduo, “se redefinem ou perdem parte dos papéis que antes exerciam” (HAESBAERT, ARAUJO, 2007, p. 9).

Essa modernidade pensada pelos Ilustrados nos foi incompleta e contraditória na América Latina. E, para Canclíni (2006, p. 17), “não estamos convictos de que modernizar-nos deva ser o principal objetivo”. Confrontamos, pois, problemas modernos (igualdade, liberdade, fraternidade, paz) para os quais não há soluções modernas, dadas as inadequações reveladas pelo liberalismo, o progresso, o marxismo, a revolução e o reformismo (SANTOS, 2006, p. 17). Não há soluções modernas porque o mundo e sua diversidade não podem ser pensados do ponto de vista de uma unicidade míope, mas de uma pluralidade de saberes, híbridos, em que local-global, tradição-modernidade se imbricam de tal modo que possam ser ressignificados.

O conceito de comunicação participativa de Paulo Freire nasce num contexto de extremas contradições enfrentadas pela América Latina na década de 1970, consequência desses projetos modernos controversos. Era preciso “libertar” os latino-americanos das ditaduras militares; do imperialismo econômico e cultural dos Estados Unidos e alguns países da Europa Ocidental; e “libertar” as classes populares urbanas e rurais “da opressão das elites econômicas que os subordinam sob a anuência dos Estados nacionais” (TAUK SANTOS, 2002, p. 2).

Assim, a comunicação participativa tem terreno fértil para se desenvolver. Combinando princípios do marxismo com os do cristianismo católico e, ainda, baseada numa



metodologia de trabalho inspirada na pedagogia de Paulo Freire, a teoria da comunicação participativa “incorpora as noções de luta de classe; a existência da relação dominante/dominado na sociedade; a crença na necessidade de uma transformação radical para construção de uma sociedade igualitária” (TAUK SANTOS, 2002, p.2).

A comunicação participativa defende o diálogo em que os interlocutores estão em pé de igualdade na negociação. “A comunicação participativa privilegia o diálogo como forma de comunicação capaz de desenvolver a “consciência crítica” das classes “dominadas” através da valorização do saber dessas classes na luta pela transformação da realidade” (Ibid, p. 3).

Maria Salete Tauk Santos, ao interpretar o conceito de comunicação participativa de Paulo Freire, explica que a consequência de privilegiar o diálogo como forma de comunicação é que no modelo participativo todos são sujeitos, interlocutores, desaparecendo a noção de fonte e receptor, para representar que ambos se “afetam” mutuamente (Ibid., p. 3).

Lembra ainda que a conscientização “é outro atributo indispensável ao exercício da comunicação participativa”. Citando Miguel Ascueta, Santos coloca que não é possível comunicar sem antes saber o lugar do sujeito. Esse conhecimento “que se dá em nível pessoal, se repete em nível comunitário, em nível dos grupos sociais. Somente quando um grupo social, classe ou comunidade, tem consciência plena de sua realidade é que começa a comunicar-se realmente” (ASCUETA, 1978 apud TAUK SANTOS, 2002, p. 3).

É a partir desse entendimento que se observa o funcionamento do Projeto Nova Cartografia. A produção do chamado fascículo, publicação impressa com 11 páginas, contendo o mapa situacional desenhado pelos grupos mapeados e os depoimentos sobre a realidade em que vivem, concretiza-se com a realização da oficina de mapas. É um esforço conjunto entre movimentos sociais e pesquisadores.

Durante as oficinas, que são oferecidas em média para 30 pessoas de cada movimento, não existe um procedimento fechado em relação às atividades desenvolvidas. Cada mapeamento, cada oficina acontece de modo distinto, sendo adaptada à dinâmica do grupo, “levando em consideração os critérios étnicos, de gênero, político-organizativos e outros, que conferem uma especificidade organizativa ao agrupamento destes agentes sociais” (COSTA, 2008, p. 10).

É na prática comunicativa e no uso coletivo dos meios que pesquisadores e movimentos sociais pretendem o “reconhecimento instituinte”. Diante da deterioração dos dispositivos de coesão política e cultural, parte-se aqui do pressuposto de que a comunicação





participativa construída no âmbito do Projeto Nova Cartografia Social entre pesquisadores e movimentos sociais ilustra o “lugar de ancoragem da práxis comunicativa”, situando o PNCSA nessa “multiplicação de movimentos em busca de outras institucionalidades, capazes de dar forma às pulsões e aos deslocamentos da cidadania para o âmbito cultural e do plano da representação para o do reconhecimento instituinte” (MARTÍN-BARBERO, 2006, p. 18).

essa relação de pesquisa é uma relação que é contínua, ela tem que ter algumas marcas, por isso ela se diferencia de outros projetos de pesquisa. Por isso, em alguns momentos somos muito familiares. Tivemos um primeiro, um segundo, um terceiro e um quarto encontro no Fórum Social Mundial e isto alimenta determinadas proposições e posturas (MARÍN, 2009).

O Projeto Nova Cartografia Social constrói sua metodologia e sua sociabilidade, não por meio de uma relação pesquisador-movimentos sociais de modo hierárquico, com sobreposição de saberes, mas sim por meio de uma relação autônoma entre os dois modos de produção do saber. Assim, com inspiração em Sousa Santos (2006), aposta-se, aqui, num partilhamento de autoridades, numa nova relação, mais balanceada, entre conhecimento científico e outras formas de conhecimento.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O que se pretendeu com este ensaio não foi somente refletir sobre a comunicação participativa e os parâmetros do Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia. Foi e é, sim, ajudar a encontrar caminhos para vencermos o dualismo no campo da pesquisa em comunicação. Entende-se que o trabalho desenvolvido no âmbito do PNCSA é um bom exemplo de como a comunicação participativa pode ser uma grande aliada na construção do conhecimento com vias a transformação social.

Percebe-se que para todos os passos que o Projeto dá, desde a construção dos fascículos até o auxílio às estratégias dos grupos sociais para defesa de seus direitos, tudo é construído em conjunto. Esse diálogo, na prática, acontece por meio de reuniões, seminários, enfim, espaços em que movimentos e pesquisadores possam dar sua opinião e discutir o melhor posicionamento do grupo em relação a temas que afetem os movimentos sociais envolvidos, como identidade, meio ambiente, territorialidade, etc.

Os fascículos e a reflexão sempre em conjunto acerca das estratégias dos grupos são instrumentos para que os grupos sociais, de posse delas, possam comunicar-se e constituir-se como visíveis socialmente e, assim, reivindicar as políticas públicas que lhes são de interesse.



## REFERÊNCIAS

- CANCLÍNI, Néstor García. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade.** Trad. Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. São Paulo: Edusp, 2006.
- COSTA, Solange Gayoso da. et.al. **Movimentos sociais na cidade de Belém e a cartografia social: territorialidades e luta pela afirmação de identidades coletivas.** In: Seminário Amazônia e Fronteiras do Conhecimento, 1., 2008, Belém, PA. Anais Seminário NAEA, 2008.
- FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber.** 4 ed. Trad. por Luiz F. B.. Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.
- HAESBAERT, Rogério; ARAÚJO, Frederico de. **Identidades e Territórios: questões e olhares contemporâneos.** Rio de Janeiro: Access, 2007.
- MELO, José Marques de. José Marques de Melo justifica o tema central do Intercom 2011. **Site Intercom 2011.** Abr./2011. Disponível em: <http://www.unicap.br/intercom2011/?p=471>
- MARÍN, Rosa Acevedo. Apresentação à **A natureza da mídia: os discursos da TV sobre a Amazônia, a biodiversidade, os povos da floresta.** Belém: NAEA/UFPA, 2009. p. 11-13.
- MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Pre-textos – Conversaciones sobre la comunicación y SUS contextos.** Cali: Centro Editorial Universidad del Valle, 1995.
- \_\_\_\_\_. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia.** 5.ed. Trad. Ronald Polito e Sérgio Alcides. Rio de Janeiro: UFRJ, 2008.
- MEKSENAS, Paulo. **Aspectos metodológicos da pesquisa empírica: a contribuição de Paulo Freire.** Revista Espaço Acadêmico, n. 78, ano VII, nov/2007. Disponível em: <http://www.espacoacademico.com.br/078/78meksenas.htm>
- PERUZZO, Cicilia Maria K. Observação participante e pesquisa-ação. In: Duarte, Jorge; Barros, Antonio (Orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação.** 2.ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- PERUZZOLO, Adair Caetano. **A comunicação como encontro.** Bauru, SP: Edusc, 2006.
- PINSKY, Jaime; PINSKY, Carla B. (Orgs.). **História da Cidadania.** São Paulo: Contexto, 2003. Resenha de: PINSKY, Jaime. Afinal, o que é ser cidadão? Revista Espaço Acadêmico ano II, n. 23, Abril/2003. Disponível em: [http://www.espacoacademico.com.br/023/23res\\_pinsky.htm](http://www.espacoacademico.com.br/023/23res_pinsky.htm). Acesso em: 20/04/2011.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. **A gramática do tempo: para uma nova cultura política.** São Paulo: Cortez, 2006.
- TAUK SANTOS, Maria Salett. Comunicação participativa e ação libertadora: Marxismo e Cristianismo combinados na teoria da comunicação dos anos 1970 e 1980. In: MELO, José Marques de. (et.al.). **Marxismo e Cristianismo: Matrizes Comunicacionais Latino-Americanas.** São Paulo: Metodista, 2002.



THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade:** uma teoria social da mídia. Petrópolis: Vozes, 1998.

VICENTE, Maximiliano Martin. **Comunicação e cidadania:** tensões e complementaridades. In: XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 4 a 7 set. 2009, Curitiba. Anais. Curitiba: INTERCOM, 2009.